



ADOLPHO KESSELRING, DA SOCIEDADE DOS AMIGOS DO PARQUE: "DERRUBAM AS ÁRVORES E AINDA VENDEM A TERRA ÚMIDA"

GUARÁ

Área teoricamente destinada a preservação ambiental vira local de despejo de lixo, de desmatamento e até de usuários de drogas

Parque na mira da devastação

HELENA MADER

Em meio à riqueza da fauna e da flora do cerrado, uma clareira aberta na vegetação mostra a gravidade da ação do homem. No Parque Ezequias Heringer, mais conhecido como Parque do Guará, uma extensa porção da mata de galeria foi removida e as árvores derrubadas ainda jazem no local, com suas raízes expostas. O crime ambiental é só mais um que se soma à sequência de agressões à unidade de conservação. A expectativa da comunidade do Guará é que a implantação efetiva do parque seja a solução para recuperar a área e colocar um fim aos abusos cometidos na região.

O Parque do Guará tem 306 hectares que escondem raridades do cerrado. O local, por exemplo, é o único a abrigar espécies como o *Podocarpus brasiliensis*, um tipo de pinheiro que atinge 12m de altura. Ao todo, são 30 nascentes na região e 168 espécies de orquídeas — 65 delas só florescem na área do parque. Mas, como a unidade nunca foi efetivamente implantada, não há guaritas, nem sistema de vigilância. Assim, o cerrado vira abrigo de lixo e entulhos. Caminhões entram na área para descarregar restos de construção e até mesmo centenas de cocos verdes usados.

Na última quarta-feira, o Correio flagrou o desmatamento da mata de galeria que havia sido concluído poucos dias antes. Para chegar ao local, é preciso fazer uma trilha em meio à vegetação, que está tomada por pneus velhos. Além do lixo despejado na região, há traficantes e usuários de drogas.

O presidente da Sociedade de Amigos do Parque do Guará, Adolpho Kesselring, circula pela unidade de conservação diariamente para tentar evitar os abusos. Ele vai procurar a Delegacia do Meio Ambiente para denunciar o desmatamento da área de mata de galeria. "Isso é um absurdo, eles derrubam as árvores e ainda roubam essa terra úmida para vender em saquinhos em feiras e no meio da rua. O nosso parque precisa ser preservado; há várias espécies que só existem aqui", destaca Adolpho.

Criada por lei em 1968, a unidade de conservação nunca saiu do papel. As poucas benfeitorias que existem foram feitas por associações de moradores

PARA SABER MAIS

Ezequias Heringer

O ambientalista e patrono do Parque do Guará nasceu em 1905 em Manhuaçu, Minas Gerais. Engenheiro agrônomo, ele foi professor universitário e veio para Brasília em 1960, a convite do presidente Juscelino Kubitschek. Heringer foi um dos pioneiros no estudo do cerrado e, principalmente, das orquídeas da região.

Ezequias trabalhou como professor e diretor da Fazenda Água Limpa, da UnB e foi um dos fundadores do curso de agronomia. Em 1964, ele doou seu herbário particular à Universidade de Brasília e criou uma área experimental para o ensino da biologia básica, chamada de estação experimental da UnB. Grande parte de sua atenção foi dedicada a estudar a área onde hoje existe o Parque do Guará, que leva o seu nome. Ele se encantou com a quantidade de orquídeas na região. Ezequias Heringer morreu em 1987.

do Guará, empenhados em proteger a natureza do local.

O administrador do Parque Ezequias Heringer, José Carlos Oliveira, garante que falta pouco para a implantação da unidade. Primeiro, é preciso concluir o plano de manejo — que vai levantar minuciosamente todas as espécies da fauna e da flora existentes no local, além de indicar onde pode haver equipamentos públicos. Uma empresa privada que adotou o parque vai arcar com os custos do estudo. "Há um grande desejo da comunidade do Guará de que o parque vire realidade, com trilhas internas, quadras e equipamentos para a população. Com o fim do plano de manejo, vai ser mais fácil fazer a implantação e acabar com os problemas atuais", destaca José Carlos.

Chacareiros querem ficar

O Parque do Guará se transformou em motivo de confronto entre ambientalistas, técnicos do governo e chacareiros que moram no local. Ao todo, 77 famílias vivem dentro da unidade de conservação — algumas há quase 40 anos. Pelo novo Plano Diretor de Ordenamento Territorial (Pdot), os ocupantes não podem ficar ali. Ambientalistas acusam os chacareiros de poluírem o parque. Eles se defendem e garantem que sua permanência é a melhor forma de garantir a preservação e evitar crimes ambientais.

Os ocupantes estão sobre uma área equivalente a cerca de 20% do total do parque. Alguns desenvolvem atividades agrícolas, outros criam animais. Diante das recorrentes tentativas de remoção, o grupo conseguiu, em 2006, uma decisão da Justiça que determina que, em caso de retirada, o governo tem de indenizar os chacareiros pelas benfeitorias realizadas, além de garantir a transferência das famílias para uma outra área de propriedade do GDF.

O administrador do Ezequias Heringer, José Carlos Oliveira, assegura que a permanência dos ocupantes inviabiliza a implantação efetiva do parque. "Sem a saída dos chacareiros, é impossível fazer, por exemplo, trilhas", afirma.

Representantes da Associação dos Chacareiros do Parque do Guará se defendem. "Somos defensores do parque; nos últimos anos já procuramos o Ministério Público do DF e a Seduma para denunciar as agressões ao meio ambiente na região. Queremos mostrar à sociedade que é melhor para o parque que permaneçamos no local", explica o presidente da associação, Marcelo Teixeira.